

VOL. V

1899-1900

N.º 8

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

PREHISTORIA — EPIGRAPHia



NUMISMATICA — ARTE ANTICA

Veterum volvens monumenta virorum

LISBOA
IMPRESSA NACIONAL
1900

SUMMÁRIO

DA LUSITANIA Á BETICA: 225.

ESTEVAES DO MOGADOUBO: 249.

INSCRIPÇÃO ROMANA DE PEDRULHA: 253.

EXTRACTOS ARCHEOLOGICOS DAS «MEMORIAS PAROCHIAES»: 254.

Este fascículo vaé illustrado com 15 estampas.



MUSEO HISTORICO PROVINCIAL (GRANADA)	
Sala	_____
Sección	_____
Serie	REVISTAS
Libro n.º	92

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLEÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

VOL. V

1899-1900

N.º 8

Da Lusitania á Betica¹

Pax-Iulia — Serpa — Myrtilla — Baesuris

Aproveitando as ferias paschoaes de 1895, fiz uma pequena excursão archeologica pelo Sul do nosso pais. Foi em minha companhia o Sr. Maximiano Apollinario, adjunto do Museu.

De Lisboa seguimos para Beja; d'aqui fomos a Serpa; de Serpa voltámos a Beja, d'onde partimos no dia immediato para Mertola; de Mertola dirigimo-nos a Castro-Marim, e de lá, por Faro, outra vez para Lisboa.

Para intelligencia dos leitores direi que á moderna Beja corresponde a romana *Pax-Iulia*; a Mertola corresponde *Myrtilla*; a Castro-Marim, segundo se crê, corresponde *Baesuris*; a Faro, como parece, ou ao seu campo, corresponde *Ossonoba*; a povoação romana correspondente a Serpa chamava-se mesmo assim, se é que, a julgar do letreiro de uma moeda da epocha romana, não teve tambem o nome de *Sirpa*.

1. Tres dias em Pax-Iulia

O que me levava a Beja era principalmente visitar o importante Museu Archeologico Municipal. Em verdade, eu já o tinha visitado por duas vezes; mas, como elle augmenta constantemente, e como as minhas primeiras visitas foram muito de corrida, necessitava fazer nova visita.

N-*O Arch. Port.*, I, 19 e 111, disse algumas palavras d'este Museu. A pag. 112 referi-me á questão da situação de *Pax-Iulia*, que não ha dúvida que o foi no local em que hoje está Beja. D'este

¹ Este artigo está quasi todo escrito desde 1895. Por falta de tempo não o acabei primeiro.



ponto tratou também André de Resende, na sua carta a João Vaseo intitulada *Pro colonia Pacensi*¹.

O Museu de Beja comprehende objectos pertencentes, mais ou menos, a todas as epochas da nossa historia.

Dos tempos modernos tem uma importante collecção ethnographica: não faltam lá os polvorinhos ornamentados, as colhéres de chifre e de madeira feitas pelos pastores, as rocas artisticas, os *cajados*, aprestos de lavoura, etc. Um dos polvorinhos tem estes ornatos: as armas reaes, dois corações com uma chave ao centro, a meia-lua, e várias rosetas. Todos estes *motivos* se observam frequentemente na escultura popular do nosso país. Os pastores do Alemtejo são exímios nestas e noutras obras de arte. As horas longas que elles passam na solidão dos montados, guardando os rebanhos, provocam-nos a empregar a sua actividade em rendilhar polvorinhos, cajados, e sobretudo colhéres, o que justifica plenamente o adagio: *quem não tem que fazer, faz colhéres*. Alguns dos objectos ethnographicos do Museu de Beja formam ao mesmo tempo decoração ou enfeite das salas, como as redes dos carros (fabricadas de esparto, junça e pita), a *manta alemtejana*, o cobertor. O Alemtejo possui industrias caracteristicas; os organizadores do Museu andaram, pois, com supremo tino tornando-as lá bem patentes.

De epochas anteriores á actualidade, mas pertencentes á historia portugueza propriamente dita, também offerece o Museu muitos espécimes: medidas, azulejos, leques, louças, joias, vestuários, moveis, ferragens, molduras, armas, pedras sepulcraes, esculturas de pedra, inscrições. O touro do brasão d'armas da cidade apparece em toda a parte: em sinetes, em azulejos, em pedras, e até num tinteiro de prata, offerecido a Beja por el-rei D. Manoel. Algumas das faianças estão datadas. Num prato portuguez do sec. XVII lê-se: *Ines dos Sarafis* (Seraphins), e num pote de barro: *é nome de Dêa amê*, entre ornatos. No fundo de um vaso de louça antigo está a seguinte inscripção collocada entre estrelinhas:

• S O •
• A T I •
• A M O •
•

Em todos os países e em todas as epochas se tem usado inscripções semelhantes: num vaso romano de Populonia (Italia), por exem-

¹ Vid. L. Andr. Resendii Opera, Conimbricæ 1790, t. 7 seqq.

plo, lê-se: *Anima felix vivas*¹; em vasos achados numa necropole antiga dos arredores de Reims (França) lê-se: *vivatis e ave*². Do altar do dormitório do extinto convento da Conceição veio para o Museu uma curiosa *tabula* de 1697 com uma «Oratio contra fulgura et tempestates».

Da epocha do dominio dos Arabes possui o Museu pouca cousa: recorde-me apenas de ter visto umas lucernas de barro. Da epocha do dominio dos barbaros creio que não tem nada.

Uma epocha brilhantemente representada é a romana. O Museu não é só rico em epigraphia, mas em ceramica e esculptura; tambem possui varios mosaicos. Já n-*O Archeologo* se tem publicado algumas das inscripções romanas que lá se acham, e ir-se-hão publicando outras successivamente. No número das inscripções romanas figura a de *Serapis Pantheus*, muito conhecida. Uma das vereações camararias transactas teve, aqui ha annos, a feliz ideia de mandar fixar na parede do patamar do primeiro lanço das escadas dos Paços do Concelho, em frente de quem sobe, a célebre inscripção romana que a *Colonia Pax Julia*, no sec. II da Era Christã, dedicou ao imperador Lucio Vero, que nessa inscripção figura com o nome de *Lucio Aelio Aurelio Commodo*. Aos lados estão dois enormissimos capiteis romanos, que sem dúvida pertenceram a um monumento majestoso. No *Corpus Inscriptionum Latinarum*, II, e *Supplemento*, vem publicadas tambem muitas das inscripções pacenses. Algumas das pedras sepulcraes tem ornatos, outras são em fórma de pipa; d'esta última especie ha umas oito: quasi uma adega! Na classe dos objectos de barro tem o Museu pesos, vasilhas (amphoras, taças, etc.), lucernas, alem de grande número de tijolos e tegulas. Algumas das lucernas contém figuras nos discos. Dos pesos publicarei espécimes noutro número d-*O Archeologo*. Uma das amphoras foi publicada no vol. I, a pag. 261. De vidro ha no Museu varios unguentarios ou lacrimatorios. Entre os objectos meudos especializarei um pêso de fuso ou *verticillus*, com ornatos, um amuleto phallico ou *fascinus* (de metal), e um anel ou *anulus*. Á entrada do Museu está armado um tumulo romano, que se encontrou, segundo penso, na cidade: objecto que, por ser funebre, e occupar assim a entrada, não se deve ter como de mau agouro, pois é na morte que muitas vezes se estuda a vida, e só pelo passado se pôde muitas vezes apreciar o presente.

¹ Apud R. Cagnat, *Cours d'épigraphie latine*, 2.^a ed., pag. 310.

² In *Revue Archéologique*, 3.^a ser., XVIII, 290.

Os tempos pre-romanos não estão muito bem representados, quanto ao número dos objectos; mas alguns d'estes objectos são realmente importantes. Á epocha proto-historica pertence uma pedra com inscripção ibérica, que fazia parte da collecção organizada no seculo XVIII por Cenaculo, venerando bispo de Beja, e ao depois arcebispo de Evora. Á mesma epocha, ou aos fins da pre-historica, creio pertencerem tambem tres lousas sepulcraes com esculpturas, e quatro vasos de barro,—objectos que constituirão assunto de um artigo especial. Da epocha pre-historica vi no Museu apenas alguns instrumentos neolithicos e outros de cobre ou bronze.

Ao Museu pertence ainda uma pequena collecção de moedas, que vae augmentando dia a dia. Entre ellas encontrei metade de um bronze em mau estado, que era sem dúvida moeda de Myrtilis.

A quasi totalidade dos objectos procede do concelho de Beja, o que dá ao Museu tom local muito pronunciado. A disposição é por ora mais artistica e de convenção do que propriamente scientifica, o que não admira, nem merece censura, attentas as condições da casa e o facto de o Museu se estar ainda organizando.

O sentimento local e patriotico que tem presidido á organização do Museu manifesta-se ainda na denominação das salas e galerias, pois estas receberam os nomes de cidadãos benemeritos ainda vivos, ou de mortos illustres: sala de «Gomes Palma» e de «A. A. Doria»; galeria de «Gama Xaro» e de «Felix Caetano». O último foi um antiquario bejense que viveu no sec. XVIII, e escreveu uns trabalhos, que ficaram ineditos, sobre a historia e antiguidades de Beja; a Bibliotheca Nacional de Lisboa possui alguns d'elles. Gama Xaro foi outro antiquario, que principalmente se tornou conhecido em Setubal, por occasião da exploração das ruínas de Troia¹. O Sr. Gomes Palma e o Sr. Doria tem feito parte do senado de Beja.

A ideia da fundação de um Museu Municipal nesta cidade foi apresentada pelo Sr. Gomes Palma á Camara da sua presidencia em 5 de Março de 1890; a inauguração solemne realizou-se em 29 de Dezembro de 1892. É uma ventura para a patria e para a sciencia quando se encontram assim varões prestantes que, compenetrados da grandeza de um pensamento, sabem pô-lo tão firmemente em execução!

Depois de ter descripto summariamente o Museu, e de ter dito duas palavras da sua fundação official, devo agora fallar de quem,

¹ Cfr. *O Arch. Port.*, 1, 55.

na sua modestia e na sua simplicidade, é um dos mais activos e fecundos propugnadores do engrandecimento e boa ordem d'esta magnifica instituição municipal: refiro-me ao Sr. José Umbelino Palma, secretario da Camara de Beja e redactor d'*O Bejense*. Baixo, fallador, de gesticulação animada e olhar perscrutador, o Sr. José Umbelino attrae logo a attenção d'aquelles que se lhe dirigem. Pela minha parte confesso que me encantou com a sua conversa cheia de informações, e a cada passo cortada ou de ditos chistosos, ou de expansões de enthusiasmo pelos progressos do Museu. Com relação a este, não perde a occasião de obter qualquer objecto valioso que apparece casualmente, ou que lhe consta que existe em qualquer parte; elle o classifica, o numera, o cataloga, o põe no devido logar; depois, n'*O Bejense*, dá noticia da aquisição, — o que tambem não deixa de fazer quando se trata de um objecto offerecido espontaneamente pelo seu possuidor. No concelho de Beja o amor pela archeologia e ethnographia locais está de tal modo radicado, que quem possui, e pôde dispensar, um objecto que lhe parece que convem ao Museu, não hesita em o ir levar lá; os proprios aldeões procedem assim! D'aqui se vê a vantagem dos museus: são escolas, e ao mesmo tempo incentivo. Alem dos catalogos manuscritos, que estão nas salas do Museu á disposição dos visitantes, o Sr. Umbelino Palma organizou já quatro, que foram publicados a expensas da Ex.^{ma} Camara; são elles:

a) *Catalogo da sala de «Gomes Palma»*, 1.^o fasciculo, *ceramica*, — Beja 1894, 113 pag.;

b) *Catalogo da sala de «Adolpho A. Doria»*, 1.^o fasciculo, *pesos e medidas*, — Beja 1894, 91 pag.;

c) *Catalogo da sala de «Gomes Palma»*, 2.^o fasciculo (Grupo B), *mosaicos e cimentos*, — Beja 1894, 62 pag.;

d) *Catalogo da sala de «Gomes Palma»*, 4.^o fasciculo, *azulejos*, — Beja 1895, 158 pag.

A estes *Catalogos* seguir-se-hão outros. — Ao segundo me referi n'*O Arch. Port.*, I, 19. Os *Catalogos* precedentemente mencionados não se limitam á ennumeração dos objectos, mas contêm tambem numerosos documentos e noticias, que os tornam muito uteis para o conhecimento da historia e archeologia bejenses¹.

¹ O presente artigo está começado, como disse, desde 1895. Neste intervallo falleceram já alguns dos individuos a que nelle me refiro. O Sr. Umbelino Palma foi um d'elles. Tão prestante cidadão succumbiu em Beja a uma pneumonia dupla em 15 de Dezembro de 1897.

E aqui termino o que por agora tencionava escrever á cêrca do Museu.

Se o Alemtejo é uma das provincias portuguezas mais caracteristicas, pois na paisagem, nas produções, na raça, nos trajos, na organização domestica, nas comidas, se distingue bastante das outras do reino; se Beja, como cidade e capital de districto, representa perfeitamente os aspectos typicos da vida alemtejana, e como povoação antiquissima e que tem acompanhado as vicissitudes da nossa historia, povoação insulada no meio de um deserto, só ha pouco ligada com o resto do país pela linha ferrea, conserva ainda feição archaica, e traz constantemente á memoria o passado, nas ruinas do seu castello medieval, no geral acanhamento dos seus edificios, — com excepção de certos templos notaveis, dos conventos e de pouco mais —, na estreiteza das suas ruas, algumas ainda com nomes historicos, como *Rua dos Infantes*, ou nomes relacionados com as lendas locais, como *Rua do Touro*: o Museu Archeologico, que apresenta como num quadro a resenha de grande parte d'esses caracteres e d'esse passado, ennobrecce quem o fundou e quem o sustenta, e torna-se interessante fonte de estudo para o investigador, e attractivo para o forasteiro que for a Pax-Iulia.

Não é este museu o unico que Beja offerece ao amador da archeologia. O Sr. Dr. Francisco Ignacio Mira possui uma valiosa collecção de moedas antigas que elle, com a sua amabilidade, me permittiu examinar. Ahí encontrei algumas que particularmente me interessaram, como uma de Salacia, do typo indicado n-*O Arch. Port.*, 1, 81, fig. 2.^a, e varias de Myrtilis. Como das ultimas espero fazer artigo especial, e do conjunto do monetario me prometter o illustre possuidor enviar para esta Revista uma nota descriptiva, não digo aqui mais nada da collecção, e limito-me a agradecer ao meu amigo o Sr. Dr. Mira a benevolencia com que me recebeu.

Apresentado por este Sr., tive tambem o prazer de estar em casa do Sr. Dr. Menezes, professor de sciencias naturaes no Lyceu, e ahí vi um bonito anel romano de ouro, e um vaso de barro da mesma epocha, objectos apparecidos no Alemtejo. Já em tempo eu havia recebido um decalque do anel, que a seu tempo publicarei n-*O Arch. Port.* O Sr. Dr. Menezes não está propriamente possuido da paixão archeologica, mas é homem illustrado e de gosto, e por isso, alem dos objectos mencionados, reuniu tambem na sua casa muitos moveis e pratas de merito artistico-archeologico.

2. Notícia de Serpa

De Beja, ou Pax-Iulia, a Serpa não é longe, posto que tenha de se sair da Lusitania, pois Serpa fica no territorio que os Romanicos comprehendiam sob a denominação de BAETICA.

Ao chegar-se, em comboio, ao extremo da Lusitania vae-se, uns minutos, pela margem direita do Anas, que alli corre por vastos descampados, nus de cultura e de arvoredo.

Em terreno ainda lusitanico, passa-se por Quintos, estação da linha ferrea; dos arredores de Quintos ha noticia da existencia de restos romanos, como se disse n-*O Arch. Port.*, 1, 340 e nota.

Depois encontra-se uma ponte, atravessa-se o rio, e está-se na Betica. A poucos instantes entra o comboio na estação de Serpa.

Perto da estação ha uma herdade chamada *A Salea*, que foi villa ou povoação romana; não pude lá ir, mas as informações que obtive bastam para definir a epocha romana, pois me dizem que apparece lá mosaico do genero *opus vermiculatum*; tambem apparecen uma columna e varios objectos artisticos de pedra.

A villa de Serpa fica longe da estação do caminho de ferro: a uma legoa, pouco mais ou menos, de jornada. A villa é grande, estendendo-se muito por fóra da antiga muralha. No alto da villa fica o castello, de que resta parte da torre de menagem, aonde subi.

O Sr. Manoel Dias Nunes, moço muito estimado em Serpa, tinha tido a bondade de nos esperar na estação; depois acompanhou-nos sempre, e recebeu-nos em sua casa. Comquanto não se dedique a estudos archeologicos, interessa-se pelo da litteratura popular e assuntos congenares, alem de cultivar com muito enthusiasmo a poesia¹; por esse motivo, e tambem pelas suas excellentes qualidades pessoaes, a sua companhia foi-me extremamente agradavel, o que faz que eu conserve dos dias passados em Serpa indeleveis recordações, realçadas ainda pelo proveito que colhi para os meus estudos.

Eu já havia passado em Serpa uma noite, em 1889, e nessa occasião travado relações de amizade com o illustre medico, o Sr. D. José

¹ Já depois da minha estada em Serpa o Sr. Dias Nunes publicou os *Romaniados* (volume de seus versos), e encetou, de collaboração com o Sr. Dr. Ladislau Pigarra, a *Tradição*, valioso archivo de estudos ethnographicos.

de la Feria y Ramos, que, embora seja hespanhol de nação, reside em Serpa ha muitos annos, onde exerce clinica, e possui as sympathias de todos. O Sr. D. José de la Feria é tambem amador numismatico, e possui uma bonita collecção de moedas antigas, sobretudo importante pelo facto de ellas terem sido achadas quasi todas pelos arredores de Serpa: por tanto, quando se trate de moedas romanas, ficam-se sabendo datas da dominação romana, e quando se trate de moedas colonias da Iberia, ficam-se sabendo quaes os povos antigos que estavam em relação mais ou menos directa com aquelle recanto da bacia do Anas. Todos os colleccionadores de moedas antigas, e ainda os de moedas suevo-lusitanas, visigoticas e arabes, e mesmo portuguezas, devem pois sempre pôr ao lado dos seus exemplares uma indicação do local onde appareceram, para assim estes pelo seu lado derramarem, em relação á geographia e á chronologia, alguma luz no nosso passado¹. Quando um colleccionador não tire da sua collecção outro resultado que não seja o do simples gozo de a possuir, e de dizer que tem esta e aquella raridade, a collecção não passa de mero objecto de luxo, que pôde ser substituído por outro qualquer: por esse motivo entendo que todos os colleccionadores devem não só conhecer a historia das suas collecções, isto é, dos elementos e condições em que foram organizadas, mas tambem fazer que ellas sirvam para algum estudo especial.

Na collecção do Sr. D. José de la Feria ha moedas da Republica Romana, do Imperio, e da Iberia antiga. Da Republica tem apparecido por Serpa algumas dezenas; do Imperio algumas centenas (seis ou sete). Entre as moedas autonomas da Iberia possuidas pelo Sr. Dr. Féria tomei nota das seguintes: um denario de Osca, correspondente ao n.º 23 do *Nuevo metodo* de Delgado (vol. III, est. CLIX), e moedas de cobre de differentes pontos: uma com caracteres phenicios, de Gades; duas com caracteres ibericos, de Ttaq², e de Segia ou Segia²; muitas com caracteres latinos, já de localidades da Citerior, como Bilbilis, Ercavica, Ilerda, Turiaso, já da Ulterior, como Carmo, Carteia, Emerita, Ilipe, Ituci, Laelia, Myrtilis, Romula, Salacia, Traducta Iulia. Dominam, como é natural, as da Ulterior, por isso que nesta provincia se conhecem mais moedas hispano-latinas do que na Citerior. A pe-

¹ N.º *Arch. Port.*, t. 81-82, vimos, a respeito das moedas de Salacia, um exemplo da importancia que tem o saber-se a proveniencia das moedas para se determinar a região a que ellas propriamente pertencem.

² Corresponde a uma das do n.º 76 dos *Monumenta linguae Ibericae*, de Hübner, p. 73.

³ Corresponde a uma das do n.º 49 da citada obra de Hübner, p. 54.

quena lista precedente mostra que as moedas da Peninsula corriam mais ou menos por pontos muito afastados da sua procedencia, por quanto em Serpa se acham moedas vindas de tão longe: facto interessante, porque revela relações sociaes entre os variadissimos povos ibericos.

Na collecção monetaria do Sr. Faria chamaram particularmente a minha attenção as moedas de Myrtilis e de Salacia, por pertencerem ao ponto do nosso pais.

De Salacia (cfr. *O Arch. Port.*, 1, 81-84) tem o Sr. Faria quatro moedas:

1) uma, achada no Algarve, que apresenta no anverso a cabeça de Hercules, imberbe, voltada á direita, com a pelle do leão e a maça atrás, e a legenda ODACIS^o A^o, e no $\mathfrak{R}$, entre dois peixes voltados para a direita, $\mathfrak{Y}\Omega\mathfrak{Y}\mathfrak{H}\mathfrak{E}\mathfrak{C}$; circuito granulado nas duas faces; muito bem trabalhada, e muito bem conservada;

2) tres, achadas em Serpa:

a) uma, como a de cima, tambem bilingue, mas um tanto gasta;

b) outra, que tem no anverso a cabeça de Hercules, com pelle e maça, mas sem legenda; e no $\mathfrak{R}$ $\mathfrak{Y}\Omega\mathfrak{Y}\mathfrak{H}\mathfrak{E}\mathfrak{C}$ entre dois peixes; circuito granulado dos dois lados; regularmente conservada.

c) outra, que é a mais barbara que tenho visto nesta classe de moedas; menos espessa que as restantes; cabeça de Hercules á esquerda, legenda semelhante á mencionada em b).

As moedas de Myrtilis são em numero de tres: dois maximos-bronzes e um semis.

Além de moedas, o Sr. Dr. Faria y Ramos possui alguns outros objectos archeologicos, como: instrumentos de pedra polida achados nos arredores de Serpa; uma estatueta de bronze de Cupido, achada em Lepe (Huelva) na Hespanha, de que dou aqui uma gravura¹; e o fragmento de um cano de chumbo romano, achado ao pé da herdade das Barrosas, de que fallo adeante. Em 1889 offereceu-me o Sr. Dr. Faria um pequeno cippo com uma inscripção de Mercurio, que publiquei na *Estemna Litteraria*, Portalegre 1892 (d'onde se fez edição separada com o titulo de *Inscripção inedita de Mercurio em Moura*, 4 pag.); d'esta vez offereceu-me para o Museu Ethnologico outra inscripção romana, como se diz n-*O Arch. Port.*, 1, 221.

Vê-se que o Sr. D. José de la Faria y Ramos, além de ser colleccionador intelligente, que tem a sua collecção ordenada de modo

¹ Segundo um desenho do Sr. Gabriel Pereira.

que serve de elemento para a historia local, e a mostra com toda a franqueza a quem a quer estudar, ainda em cima leva a sua genero-



sidade a repartir do seu peculio com os mais. Receba elle por tudo os meus parabens e os meus agradecimentos¹.

¹ Infelizmente o Dr. D. José de la Faria y Ramos pertence tambem ao número dos que, como disse a pag. 197, nota, falleceram antes da conclusão d'este artigo. Aqui junto algumas noticias bibliographicas que, por intermedio do meu amigo Manoel Dias Nunes, obtive da familia.—Faria y Ramos nasceu em Ayamonte em 1833; estudou preparatorios em Sevilha; formou-se em philosophia na mesma cidade em 1850, e em medicina em Cadix em 1858. Ainda estudante, em 1857, foi agraciado por D. Isabel II de Hespanha com a Cruz da Ordem Civil de Beneficencia pelos serviços clinicos prestados naquella cidade por occasião da peste que grassou em Cadix em 1856. Veiu para Serpa em 1863 e ali viveu sempre. Em Serpa exerceu o logar de medico municipal e de sub-delegado de saude, e ali fundou a Associação operaria de soccorro mutuo «Correia da Serra». Alem

Sempre que vou a alguma terra procuro por todos os meios ao meu alcance colher elementos para o conhecimento da historia antiga.

Com relação a Serpa, já a cima me referi a uns instrumentos de pedra polida da collecção do Sr. Dr. Féria. Podemos assim ascender aos tempos neolithicos. Os machados de pedra são bastante conhecidos na localidade, onde, como noutras, se chamam «pedras de raio». O Sr. Dr. Féria possui quatro instrumentos neolithicos:

- 1) metade de um machado, de typo vulgar, de 0^m,09 de comprimento.



- 2) um machado inteiro de diorite, de 0^m,25 de comprimento, de typo também vulgar, revestido de muita pátina;



- 3) outro, achatado, de 0^m,20 de comprimento, deste typo:



- 4) um rebôlo de diorite, ou antes um espheróide achatado, de 0^m,07 no maior eixo, cujo uso não sei bem qual fosse (mão de gral? martello?).

De castros nada pude averiguar.

de medico e numismata-amador, Faria y Ramos foi também viticultor distincto, tendo merecido menção especial os seus vinhos na Exposição de Philadelphia em 1876. Começou a colleccionar moedas em 1870. Num jornal hespanhol vem a seguinte noticia que dá plena idea do seu monetario:

Véndese un monetario que contiene las siguientes monedas

Monedas portuguesas

PRIMER GRUPO.—34 tipos de monedas de billón correspondientes á los Reyes de la primera Dinastia portuguesa, que, con los respectivos duplicados, forman 72 monedas plata, cobre y oro.

Quanto a dolmens, mostrou-me o Sr. Dias Nunes á beira da estrada de Aldeia-Nova, a uns 400 metros de Serpa, duas pedras inclinadas que poderiam ter sido dois esteios de um dolmen; é preciso porém proceder a escavações para se saber com certeza se se trata de um dolmen ou não. Cada uma das pedras tem de altura mais de um metro,

SEGUNDO GRUPO.—117 tipos de monedas de billón plata y cobre, correspondientes á los Reyes de la segunda Dinastía portuguesa, que, con los respectivos duplicados, forman 273 monedas.

TERCER GRUPO.—16 tipos de monedas de plata correspondientes á los reyes de la tercera Dinastía portuguesa.

QUARTO GRUPO.—116 tipos de monedas de oro, plata, cobre y bronce, correspondientes á los reyes de la cuarta Dinastía portuguesa, que, con los respectivos duplicados, forman 319 monedas.

QUINTO GRUPO.—267 monedas de Portugal, no clasificadas muchas de ellas, siendo 172 en cobre y 95 en plata.

Monedas romanas

SEXTO GRUPO.—Monedas autónomas, 107 tipos de monedas romanas autónomas de cobre, que, con los respectivos duplicados, forman 119 monedas.

SEPTIMO GRUPO.—Monedas de familias romanas. 76 tipos de monedas de plata y cobre, que, con los respectivos duplicados, forman 85 monedas.

OCTAVO GRUPO.—Monedas imperiales, 82 tipos de monedas imperiales de plata, cobre y algunas de oro, que, con los respectivos duplicados, forman 417 monedas.

NOVENO GRUPO.—213 monedas romanas; muchas de ellas no clasificadas, siendo muchas de plata y otras de cobre.

Monedas españolas

DÉCIMO GRUPO.—445 monedas españolas no clasificadas muchas de ellas, de plata, cobre y algunas de oro.

UNDÉCIMO GRUPO.—Dos monedas de oro, dos de plata y seis de cobre, todas ellas de la dominación árabe de España.

DUODÉCIMO GRUPO.—Una moneda de oro visigodo del tiempo de Recaredo.

En todos los grupos existen ejemplares rarísimos y entre los españoles una moneda de oro acuñada en conmemoración de la Institución de La Banda, y entre otras raras, una moneda conmemorativa de la Toma de Algeciras por los castellanos á los árabes.

Para más informes y condiciones de venta dirigirse en Serpa (Portugal) D. Joaquin de la Féría Ramos y en Ayamonte Provincia de Huelva á D. José Gutierrez Feu.

Feria y Ramos falleceu em Serpa em 20 de Janeiro de 1896.—O caso romano de chumbo a que a cima, no texto, me referi, foi graciosamente offerecido ao Museu Ethnologico pelo Sr. Dr. José Faria Theotonio, filho mais velho do fallecido.

fôra do chão, e mantém entre si um pequeno intervalo. Em volta o terreno fôrma tal ou qual elevação. O sítio chama-se *Pedra Longa*, nome que convinha perfeitamente a um dolmen, quando ainda conservasse a sua tampa ou chapeu.

Um dia, de tarde, o Sr. Manoel Dias Nunes teve a bondade de me levar á herdade das Barrossas, onde constava que appareciam antiguidades romanas. Fomos nós dois e o Sr. Maximiano Apollinario, que me acompanhou sempre com o maior desvelo em toda a minha excursão, ajudando-me constantemente nos meus trabalhos, e fazendo-me desenhos de objectos que vimos. Transportou-nos um *carro alemtejano*, aos solavancos, ora por campos, ora por desertos, num percurso de duas horas.

Ao pé do monte (i. é, da *casa da herdade*) das Barrossas vimos logo de longe um cippo, que examinado de perto mostrou ser funerario; continha uma inscripção romana dedicada por uma mãe a um filho ou filha de 33 annos; aqui se publica uma figura do monumento:



Altura da pedra 0^m,78; largura do corpo 0^m,44; altura das letras 0^m,04.

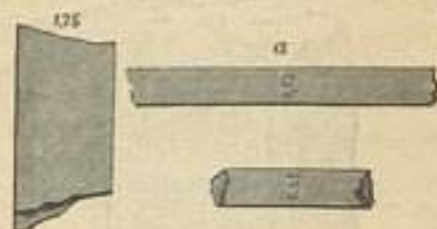
Algum tempo depois o Sr. Dias Nunes levou a sua bondade a obter-me para o Museu esta lapide: é uma d'aquellas a que me refiro n-*O Arch. Port.*, I, 220.

O monumento tinha vindo de um sítio proximo, chamado *A cidade da Rosa*, ao pé do monte de Braciaes, de onde tambem viera a lapide

com inscripção offerecida ao Museu Ethnologico pelo Sr. Dr. Féria, á qual me referi a cima.

Nesse sítio haviam apparecido, me disseram, muitas moedas de cobre, e uma de prata, «como um tostão». A visita á *cidade da Rosa* era pois tambem necessaria e obrigada.

A *cidade da Rosa*, assim chamada, diz o povo, por ser no sítio das *Barrosas* (i. é: *Ba-rrosa-s!*), é um vasto campo de sementeira, onde aqui e alem se vêem muitos montões de pedras maiores e menores: vi cinco montões, mas disseram-me que são ao todo uns onze¹. Junto dos montões e pelo campo encontrei infinitos fragmentos de tegulas romanas, de tijolos grossos e de vasilhas grandes, placas de marmore trabalhado, e pedaços de escoria de fundição. Em certo ponto, no oitavo que fica mais ao nascente, havia ainda paredes de alvenaria de uma casa soterrada, chamada, se bem me lembro, a *casa da Pinela*; ao pé d'esta casa estava uma grossa pedra cylindrica, de mais de 1 metro de altura, que de certo tinha tido emprêgo em algum engenho agricola; a casa continha entulhos e telhas queimadas, indicio de telhado que abateu por incendio. O conjuncto do que resta das paredes que crescem um pouco a cima do solo é o que está indicado na planta junta.



A alvenaria é de pedra tosca e argamassada. A certa altura, na parede *a*, apresenta-se uma dupla fiada de tijolos. Sem dúvida o campo da *cidade da Rosa* tinha sido uma estação romana,—povo ou quinta: prova-o a existencia das tegulas, e o apparecimento das inscripções e de moedas romanas, de que pude obter cinco pequenos-bronzes dos seculos III e IV (Claudio II e Constancio II); a outra moeda de prata, de que fallei a cima, parecida com um tostão, era de certo um denario. Da *cidade da Rosa* proviera tambem o cano de chumbo de que fallei ha pouco, o qual, como disse, julgo romano. Informando-me de nomes de locais da vizinhança, que pudessem conter alguma significação historica, apenas soube da existencia de um sítio denominado *Alcaria*.

¹ O povo chama-lhes *montões*.

Aqui está o que averigui das antiguidades romanas e pre-romanas de Serpa. Com relação á inscripção publicada no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 971 (e que, por ter por si sómente a autoridade de André de Resende, quem sabe se será authentica?) nada pude saber; o mesmo digo do asse attribuido a Serpa, sobre o qual se vejam os *Monumenta linguae Ibericae*, do Sr. Dr. E. Hübner, p. 132.

3. Recordação de Myrtilis

De Mertola ha tanto que dizer, que nesta rápida descripção ficarei muito áquem do que se poderia esperar.

Tendo voltado de Serpa a Pax Iulia, saímos d'esta cidade para Myrtilis, em trem, por uma manhã de nevoeiro fechado.

Depois de algum tempo de viagem, parámos ao pé do «monte» da Grade¹, margem direita da ribeira do Charco. Como ahí perguntasse por antiguidades ás pessoas que encontrei, soube que numa charneca proxima havia «casas dos Moiros». Fui lá, e effectivamente encontrei várias ruínas de pequenas casas, cujas paredes eram feitas de schisto com cimento; junto das casas abundavam pelo chão tijolos grossos, telhas curvas (*imbrices*), fragmento de telhas de rebôrdo (*tegulae*), e bordos de vasilhas. Houve de certo alli uma estação archaica.

O meu intuito, visitando Myrtilis, era, alem de satisfazer o desejo de conhecer, no seu conjuncto, restos de tão famosa cidade da Lusitania, ver a collecção archeologica do meu amigo o Sr. João Manoel da Costa, e explorar algumas sepulturas do antigo cemiterio wisigothico, já em parte descrito por Estacio da Veiga nas *Memorias das antiguidades de Mertola*, Lisboa 1880.

O Sr. João Manoel da Costa é secretario da camara municipal de Mertola, e, no louvavel intuito de salvar alguns restos, cujo estudo possa servir para o conhecimento da nossa historia passada, tem-se consagrado a colligir antiguidades locais.

¹ Na lingoagem alemtejana «monte» significa a casa da herdade.

Na sua collecção acham-se: seis instrumentos neolithicos, um d'elles com um sulco transversal, como já tenho visto mais; tres figurinhas de bronze, uma das quaes foi estampada n-*O Arch. Port.*, I, 297; fragmentos de vasos metallicos, de vidro e saguntinos, achados numa sepultura romana de Mertola; um *unguentarium* inteiro, de vidro, achado noutra sepultura romana; duas lucernas romanas de barro; quatro fragmentos de louça arabe, sendo um esmaltado; quatro lucernas arabes de barro, mais ou menos quebradas; um vaso branco, que talvez seja tambem arabe; diversas moedas, sendo quatro cunhadas em Myrtilis, e ali achadas, cinco autonomas de outras cidades da Iberia (Calagurris-Iulia, Emerita, etc.), algumas da Republica romana e do Imperio, de prata e cobre, dois trientes wisigothicos¹, sete moedas arabes de prata, e várias moedas portuguezas do continente e das colonias. Entre as moedas da Republica ha um denario de Q. Marcius Pilipus (Babelon, *Monnaies romaines*, II, 186), monetario do sec. II A. C., achado nas margens do Guadiana em Mertola.

Entre as moedas do Imperio ha na collecção do Sr. Costa o seguinte grande-bronze do Imperador Juliano II, o Apostata (sec. IV):

Anverso: DN FL CL IVLIANVS..... AVG.—Busto diademado do imperador, á direita.

R: SECVRITAS REIPVB.—Boi de pé, á direita, tendo por cima duas estrellas, e adiante uma aguiá, que está sobre uma coroa, e sustenta outra no bico.

No exergo: P CONST².

Esta moeda, por ter no reverso um boi, foi aproveitada como emblema religioso, o que se conhece por ter recebido um furo para andar pendurada,—furo feito de maneira que, depois de pendurada a moeda, o boi ficava direito, o que não acontecia ao busto do imperador figurado no anverso, o que prova, como digo, que o character amuletico da moeda lhe provém do boi. A moeda achou-se em Mertola, e já com o furo, que de mais a mais se vê ser antigo, por ter pátina nos seus bordos: por tanto serviu de emblema religioso, não modernamente, mas em tempos antigos.—Conheço muitas moedas nas mesmas condições, e já

¹ Um de Wamba, cunhado em Toledo, e achado na freguesia de S. Pedro de Salles (Mertola); outra de Sisabuto (SISEBVTVS RES, não REX), cunhada em Mérida, e achada na freguesia de Sant'Anna de Cambas (Mertola).

² Esta moeda é semelhante á que vem em Cohen, *Médailles impériales*, VI, 368, n.º 74, menos no exergo.—Alguns numismatas interpretam P CONST por P(ERCYSSA) moneta CONST(ANTINOPOLI), isto é: moeda cunhada em Constantinopola.

chamei para este facto a attenção dos especialistas em 1889 no meu *Elencho das lições de Numismatica*, I.

Devo ao Sr. João Manoel da Costa muitos obsequios pela generosidade com que franqueou ao meu exame toda a sua collecção, me deu espontaneamente parte d'ella, me facilitou a visita aos sitios de Mertola que eu queria ver, e ainda me pôs em relação com diversos cavalheiros da villa, que igualmente me auxiliaram nos meus estudos, uns andando comigo, outros offerecendo-me objectos para o Museu Ethnologico, como adeante direi. O Sr. João Manoel da Costa offereceu-me posteriormente para o Museu uma *glans* ou bala de chumbo romana, de funda, á qual me referi n-*O Arch. Port.*, II, 158.

É só assim, pelo concurso de pessoas devotadas ao bem da patria, que o Museu Ethnologico se irá a pouco e pouco enriquecendo, e que as nossas cousas poderão ser devidamente estudadas.

Na collecção do Sr. João Manoel da Costa estão, como se viu, representadas várias epochas da historia de Mertola, desde as mais antigas.

Especializando alguma d'estas epochas em relação a outros monumentos, farei agora aqui umas breves considerações.

Por toda a villa, como tambem succede em Alcacer do Sal, e em muitas terras, que datam pelo menos da epocha romana, se encontram a cada passo nos muros, nas ruas, nos edificios, ora columnas lisas ou com labores, ora várias pedras de character archaico, que revelam a antiga grandeza, e a successiva decadencia.

Por exemplo, na face externa da muralha de castello, do lado de NO., entre muitas pedras de granito apparelhadas, e frisos de calcareo, fastes e capiteis, o que tudo se destaca do schisto e grés de que é constituida a maior parte da muralha, que bem se vê foi feita á custa dos materiaes de construcções anteriores, apparece uma lapide sepulcral do typo das sepulturas romanas em fórma de pipa; infelizmente a inscripção fica para o lado de dentro, não se póde examinar, e a pedra está tão alta e segura, que só depois tentarei arrancá-la.

Das muralhas tem sido extrahidas por vezes lapides semelhantes. O Sr. Manoel Bravo Gomes, proprietario em Mertola, e deputado da nação, teve a distincta amabilidade de me offerecer para o Museu duas que possuia, e ao mesmo tempo o capitel de uma columna antiga, — offertas que foram lembradas n-*O Arch. Port.*, I, 314. O mesmo Sr., com uma dedicação que muito o honra, e á qual, como director

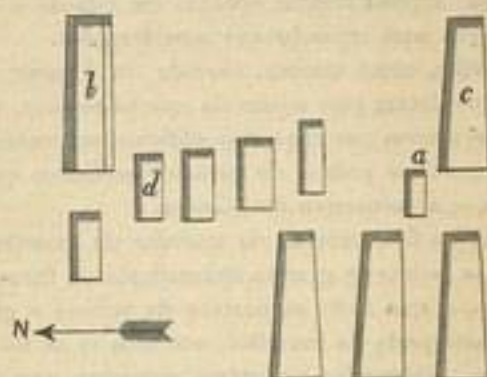
do Museu, me confesso summamente grato, prometteu obter-me ainda outros objectos. Na inscripção de uma das lapides sepulcraes figura um *Donatus* e na outra uma *Herennia*.

Logo que as minhas occupações m'o permittam, estudarei e publicarei na integra estas duas inscripções¹, e juntamente outra de uma pedra esculpturada com que o Sr. Manoel Francisco Gomes galhardamente me obsequiou², havendo-me permittido que eu a arrancasse de um degrau de uma sua casa, onde estava encravada. Receba tambem o Sr. Manoel Francisco Gomes os meus sinceros agradecimentos pela sua generosidade.

Mertola occupa logar notavel na historia portugueza dos primordios da Idade Média, por causa da serie de inscripções christiano-latinas dos seculos v-viii, que ali tem apparecido³.

Fiz proceder a uma excavação no antigo cemiterio christão do Rocio do Carmo, junto da igreja do mesmo nome; o Sr. Maximiano Apollinario tomou a este respeito os seguintes apontamentos:

«Descobriram-se algumas sepulturas, cuja disposição no seu conjuncto é a que está indicada na planta junta:



Neste grupo de sepulturas notam-se duas fórmas distinctas; umas são, em planta, trapezoidaes, outras rectangulares. Todas se acham orientadas no mesmo sentido e offerecem a maior dimensão na direcção E.-W., tendo as trapezoidaes o menor lado voltado para o nascente.

¹ Vid. *O Arch. Port.*, iii, 289 sqq.

² Cfr. *O Arch. Port.*, i, 314.

³ Cfr. *O Arch. Port.*, i, 8, 180, 181 e 311; e iii, 289 sqq.

Apresentam-se dois tipos de construcção d'estas sepulturas: assim, umas tem as paredes longitudinaes aprumadas e compostas de fiadas horizontaes de pedra, sem argamassa, fechando os topos duas lages postas de cutello e recoberto o vão por grandes lages de schisto; noutras as paredes lateraes são formadas de pequenas lages postas obliquamente e recobertas como as antecedentes, apresentando a secção indicada:



Em nenhuma d'ellas o fundo d'este recinto, escavado no solo, apresentava revestimento algum.

Todas os recintos sepulcraes, que foram descobertos, se achavam intactos e continham as ossadas em perfeita ordem. O corpo era collocado de costas, os braços e as pernas estendidas, a cabeça sempre posta para o lado do poente.

Os recintos de menores dimensões, que a planta indica, tinham ossadas de creanças. O menor d'elles, em *a*, era formado por fragmentos de tegulas, de imbrices, recoberto por um tijolo.

Alem d'estas sepulturas foram descobertas outras tres, junto da igreja do Carmo a cêrca de 1^m,5 de profundidade.

Os recintos sepulcraes de fôrma trapezoidal, cobertos por lages de schisto, eram limitados em parte pelo córte do terreno natural em que se achavam escavadas, e em parte por paredes formadas de fiadas de schisto.

Num nível superior ao d'estas tres sepulturas foram encontradas outras entre as quaes uma apresentava um notavel acabamento de construcção. Tanto na cobertura, exteriormente, como na face interna das paredes lateraes que a constituíam, apresentava um espesso revestimento de argamassa.

As ossadas que continham apresentavam-se profundamente alteradas.

Nenhuma das sepulturas descobertas fornecem objecto algum do mobiliario votivo da epocha. Foram recolhidas no Museu as ossadas das sepulturas *b*, *c* e *d*.

O meu amigo Dr. Luis Fortunato da Fonseca, do Alandroal, que em tempo exerceu clinica nesta villa, offereceu-me para o Museu uma interessante serie de cinco lapides christiano-latinas, como se disse n-*O Arch. Port.*, 1, 314: duas d'ellas estão datadas dos fins do sec. VI, e marcaram as sepulturas de *Amanda, famula Christi*, e de *Tyberius*

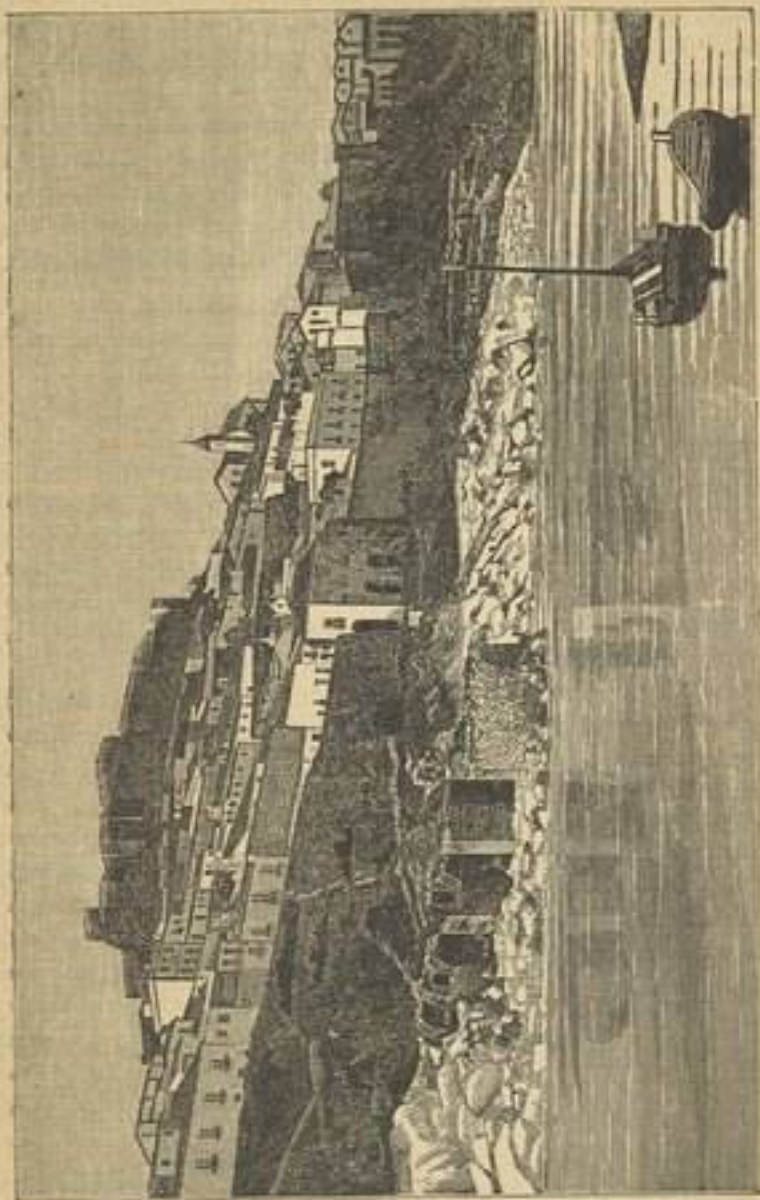
Hector, famulus Dei. Os medicos, que exercem clinica rural, podem prestar muitos serviços á archeologia, pelo facto de entrarem em muitas casas, e tratarem de perto com muita gente; effectivamente a nossa archeologia deve-lhes já bastante, e ha mesmo muitos que tem collecções archeologicas, sobretudo numismaticas. O Dr. Fortunato da Fonseca, privando-se dos objectos que particularmente havia colligido, e doando-os, para uso de todos nós, a um estabelecimento do Estado, fez obra em extremo meritoria, que muito é para agradecer e elogiar.

Da epocha arabe, alem do que fica mencionado como existente na collecção do Sr. João Manoel da Costa, não se me deparou mais nada em Mertola, senão o fragmento de inscripção arabe publicado pelo Sr. David Lopes n-*O Arch. Port.*, II, 206, fragmento que, em virtude da bondade do Sr. Antonio da Silva Fernandes, que o possuia, e gentilmente m'o cedeu, se acha hoje no Museu Ethnologico Português: mais uma vez manifesto ao Sr. Silva Fernandes o meu reconhecimento.

No mesmo agradecimento envolvo o Sr. Manoel Antonio da Cruz pela offerta de um capitel antigo, a que me refiri n-*O Arch. Port.*, I, 314.

Mertola está hoje muito decahida do esplendor d'outr'ora, e só pela sua posição topographica, entre a Betica e a Lusitania, na margem do Anas, e a pouca distancia da foz, se explica esse esplendor, porquanto é terra arida, coberta de lousas tristes, e nua de arvoredo.

Todavia passaram alli todas ou quasi todas as civilizações do nosso país. Reportando me apenas ao que vi na minha visita, notarei que os tempos pre-historicos estão representados por alguns instrumentos neolithicos; os tempos proto-historicos pelas moedas cunhadas com o nome de *Myrtilis*, e talvez tambem pela cabrinha figurada n-*O Arch. Port.*, I, 297; o tempo dos Romanos está representado por várias inscripções e esculpturas, por moedas, por objectos de barro e de vidro, e por uma ponte de que se observam ainda os restos junto do rio; o tempo dos Wisigodos está representado por moedas e por um cemiterio christão da primitiva Idade-Média; o dos Arabes está representado por uma inscripção e por varios objectos de barro. Da civilização propriamente portugueza não faltam tambem em Mertola documentos; mas do estudo d'elles não me occupei.



MERTOLA

Alem das investigações a que Estacio da Veiga procedeu, e das poucas que eu fiz agora, é necessario ainda proseguir com muito afan no estudo da antiga Mortola, para esta se poder conhecer mais profundamente: ha ainda muita coisa enterrada, que é conveniente trazer á luz. Pela minha parte logò que possa tencioneo continuar as excavações.

Como illustração e complemento d'este capitulo, dou uma gravura que representa Mortola, segundo uma photographia do Sr. Maximiano Apollinario: em baixo vê-se o Guadiana, com alguns barcos; na margem, junto da agua, os restos da ponte romana; mais a cima um lance das antigas muralhas portuguezas; e dentro do ambito d'estas a villa, coroada, lá no alto, pelas ruínas do castello.

4. Pelo Anas até «Baesuris»

Saimos da hospedaria uma manhã cedo. Mettemo-nos num bote, que nos levou ao vapor. Ás 7 horas íamos pelo Anas a baixo, que corre entre outeiros selvagens, onde é só de longe em longe que se vê verdejar uma arvore, ou avultar uma casa.

A Betica e a Lusitania, divididas pelo rio, defrontam-se na mesma esterilidade: de um lado e do outro, durante muito tempo, charnecas quasi continuadas, como no tempo em que os navios phenicios pela primeira vez sulcaram o rio!

Pelas 9 horas passavamos entre S. Lúcar (Andaluzia) e Alcoutim (Algarve), duas povoações pittorescas, que se saudam entre si, cada uma com seu castello em ruínas, prova da antiga amizade e mutua confiança...

Pouco depois estavamos deante de Castro-Marim, termo da nossa viagem, d'onde o meu amigo o Sr. Francisco Silvestre de Sousa Rocha vinha esperar-nos num barco, e para onde em breve seguiríamos pelo esteiro formado pelo Guadiana.

O movimento do caes, a alegria do local, as aguas historico-archeologicas do rio, e principalmente a minha imaginação, que andava repleta de cousas antigas, tudo me punha deante dos olhos naquella occasião a epocha em que das *naves onerarias* desembarcavam os *mercatores* romanos, que vinham buscar os nossos figos e o nosso atum, tão gabado por Estrabão, e em troca deixavam pelas cidades do Algarve os lindos vasos samios historiados, — *terra sigillata* —, que ainda lá apparecem a cada passo aos bocados, pelos campos, e cujos restos eu sempre procuro com tanta cobiça, quando ando nas minhas pesquisas archeologicas!

O Sr. Francisco Silvestre de Sousa Rocha, nas horas vagas deixadas pelo exercício do seu cargo de escrivão de fazenda, e pelo amanho das suas terras, tem-se dedicado a colligir antiguidades, sobretudo moedas portuguesas, no que presta optimo serviço á sciencia, porque salva assim do esquecimento, ou de se perderem, muitas cousas curiosas.

A sua collecção, quando a visitei, continha o seguinte:

dois machados de pedra polida, achados no sítio do Magoito, freguesia de Odeleite;

outro instrumento de pedra, do sítio do Mau Dinheiro, freguesia de Castro-Marim, com a particularidade de ter um furo na extremidade superior, como se vê na fig. *A* em tamanho natural (o furo é antigo);

uma ponta de setta de pedra, da Nora, freguesia de Cacella;

um machado chato de bronze ou cobre, representado em tamanho inferior ao natural na fig. *B*;

algumas moedas romanas imperiaes;

uma amphora romana, que foi encontrada no sítio dos Olhos de S. Bartholomeu¹, a uns 6 kilometros de Castro-Marim, e de que se dá o desenho na fig. *C*, e que tem de altura 0^m,95 e de diametro maximo 0^m,28;

uma curiosa lucerna metallica, que deve ser da epocha visigothica ou arabe²; tem de altura 0^m,08 e de comprimento, desde a coroa da asa até o bico, 0^m,18; (vse figurada sob a letra *D*, segundo um desenho do Sr. Maximiano Apollinario; a figura dispensa a descripção); achou-se no sítio da Horta, freguesia de Cacella, entre o Arrife e Torre, ao pé de umas sepulturas que ali appareceram, e estavam tapadas umas com lages, outras com telhas³;

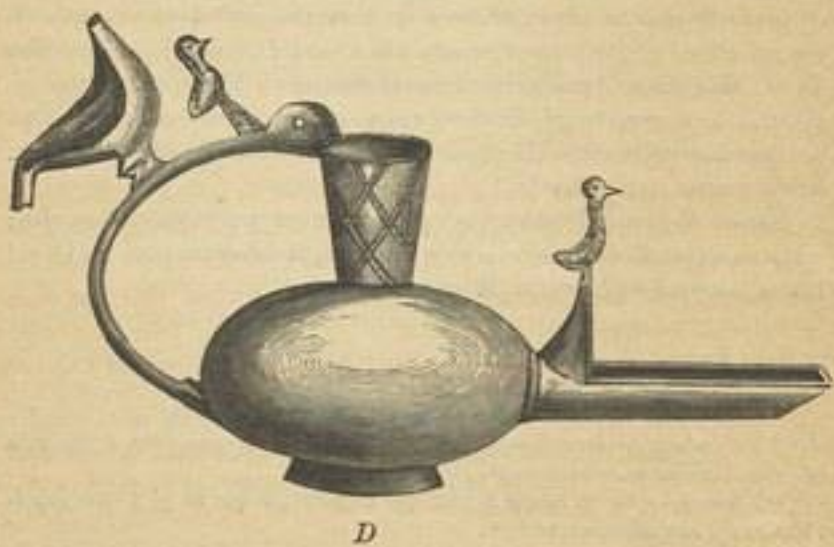
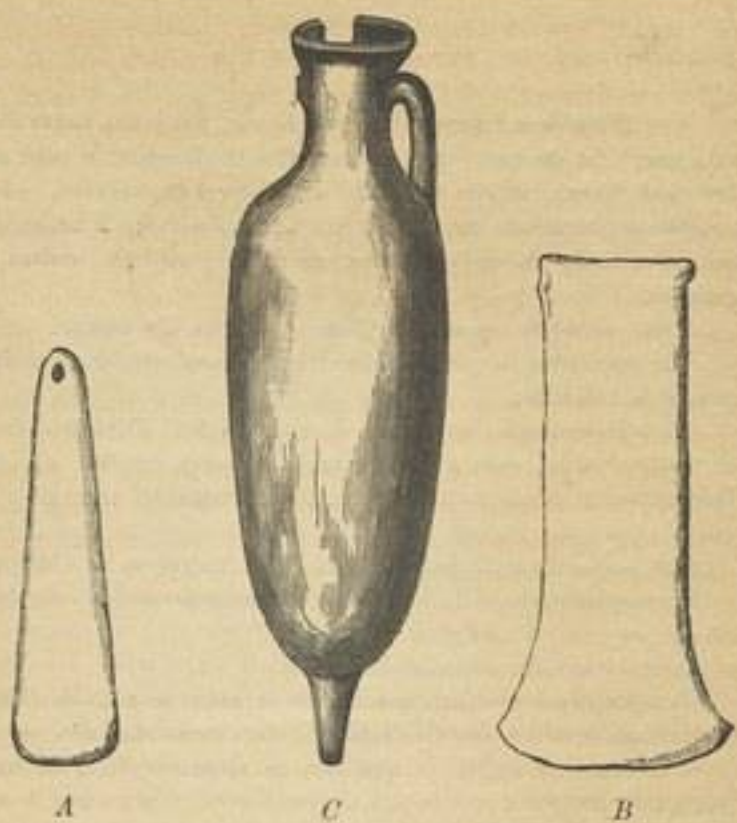
varios objectos de diversas epochas, como um dedal e espadas;

uma collecção de moedas arabes de prata, já descritas pelo Sr. David Lopes n-*O Arch. Port.*, I, 97 sqq.;

¹ Sobre esta estação romana vid. *O Arch. Port.*, IV, 329 sqq.

² No Museu Archeologico de Madrid existe, classificada como arabe, uma lucerna, tambem metallica, que lembra esta.

³ Informação do Sr. Sousa Rocha, que acrescenta que ao pé d'estas sepulturas havia uns alicerces antigos.



uma collecção de moedas portuguezas, tanto continentaes como coloniaes,—onde note um real de D. João I, de bolhão, que, por differir, ainda que levemente, dos que vem estampados e descritos na obra do Sr. Dr. Teixeira de Aragão, o figuro na estampa junta:



alguns dinheiros de conto, a que os francezes chamam *jetons* e os nossos antigos chamavam *contos para contar*.

Apesar de possuir varios objectos archeologicos, o Sr. Sousa Rocha collige principalmente moedas portuguezas, de que já tem boa serie; assim num ramo limitado chega mais facilmente a obter grande collecção, do que dispersando-se por muitos ramos¹.

A excursão archeologica estendeu-se ainda por Balsa (campo de Tavira) e Ossonoba (campo de Faro); mas, como me falta tempo para tratar d'essas duas importantissimas estações lusitano-romanas, e do mais que observei e estudei em Castro-Marim, e como não desejo continuar a retardar a publicação d'este artigo, termino-o aqui. Não faltará occasião de n-*O Archeologo* me referir ao que por agora omitto.

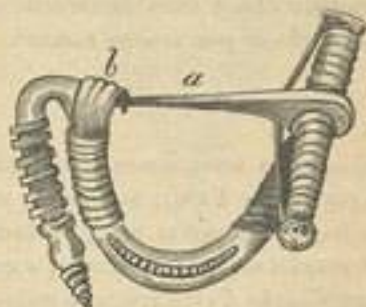
J. L. DE V.

Esteveses do Mogadouro

Assenta esta pobre e humilde aldeia, terra da minha naturalidade, composta só de umas 60 casas, que formam uma unica rua, num taboleiro da vertente sul da serra da Novalheira, a 20 kilometros a sudoeste de Mogadouro. Esta serra é um prolongamento para oeste das cimas ou alturas de Lagoaça, e é limitada, por este lado, pela ribeira das Arcas, e pelo sul e norte, respectivamente, pelas ribeiras dos Esteveses

¹ O Sr. Sousa Rocha não chegou a ler este artigo, porque falleceu em 23 de Maio de 1897, na idade de 44 annos incompletos, pois tinha nascido em 17 de Outubro de 1853 (em Portimão).—Cfr. o que a seu respeito escrevi n-*O Arch. Port.*, iv, 329 sqq.

e Meirinhos; começando, todavia, a ser só conhecida por este nome a partir do *Collo* ou *Portella da Rainha*, aonde se cruzam varios caminhos vicinaes e partem as linhas de agua da *Calhinha* e *Relea*. É esta serra de bella e aprazivel paisagem pela variedade de panoramas e quadros naturaes que offerece, e pela abundancia e diversidade de vegetação que a reveste, sobresahindo as enormes matas de pinheiros, arvore indigena, que cresce espontaneamente e toma proporções gigantescas, o que faz que seja verdadeira fonte de riqueza para estes povos pelas madeiras e lenhas que lhes fornece. Alem de que tambem não é menos digna de notar-se pelos jazigos de varios minerios e aguas medicinaes que contém, como pelos vestigios que apresenta, que merecem ser estudados pelos amantes de conhecer e observar as pègadas deixadas pelas gerações que nos precederam e viveram por estes sitios. E como taes mencionaremos a nomeada da *Portella da Rainha*, que dizem provir de ter passado neste ponto uma Rainha, que sequiosa,



O estilete a desmonta-se de b, funcionando como a haste de prender um bracho

bebera agua numa fontella que fica em baixo a norte, e que de haver encontrado tam *bella*, boa, lhe ficou o nome de *aguas bellas*; a sombria e escusa ravina, a algumas centenas de metros áquem, que mesmo de dia enche de temor e receio a quem a percorre, a que chamam *Valle de Ladrões*, onde se vê o *lameiro do mouro* junto da parede nascente do qual, ha poucos annos, uns coelhos fazendo as suas *longas* puseram a descoberto os alicerces de uma casa e fragmentos de lousa, tijolo e telha do feitio da actual. A *Fraga do Seixo*, outra ravina logo a nascente d'esta, onde se achou uma interessante fibula de cobre ou bronze coberta de uma espessa e brilhante camada de oxido que semelha tinta, que no desenho dado a cima figuro em tamanho natural, e que é muito parecida a outras duas que estão no Museu e foram descobertas nas povoações mortas de Picote e Coelhooso. Neste local, da encosta norte da serra, deparam-se-nos ao longo e de uma e outra parte da linha de agua oito buracos, *palas*, abrigos ou grutas em

rocha dura, algumas ainda completamente livres e desempedidas com uma capacidade de conter 30 a 40 cabeças de gado lanigero ou caprino, outros porém já muito entulhados e mal distinctos mas percebendo-se ainda, em quasi todas, restos de muro de pedra solta que servia para vedar ou proteger a entrada. Alguns metros por cima, na encosta e num altinho, havia uns pequenos circos ou circuitos lageados, *cirinhas*, de 3 a 4 metros de diametro e cercados de um mu-rozinho de pedra solta. Neste sitio viveram os mouros, diz a tradição, e os mais velhos accrescentam que era onde se refugiavam e se escondiam os que fugiam ao serviço militar, especialmente no tempo da guerra dos franceses. Finalmente outros circos ou *cirinhas*, informam, se vêem ainda agora proximos dos conhecidos buracos ou *palas*, resguardo dos pastores, nos pontos da Gricha, das Arcas — a chamada gruta da Maria Thomé —, na *canada* dos Parreiras, no caminho de Meirinhos e outras partes. Evidentemente signaes são estes de um primevo povo que procurava os abrigos naturaes para sua morada, ou sepultura, vivendo no meio das espessuras dos bosques, e escondidos nas matas. E como seria mysterioso e cheio de superstição todo esse viver, aqui em que hoje mesmo, ao percorrer-se, silenciosamente, toda essa enorme floresta de pinhaes, o seu susurro nos arripia e nos faz lembrar o gemer do deus das tempestades! E que mais necessario era para criar um mundo de phantasias de que observar, em noites de luar, essas enormes faxas escuras, semelhante sombras de gigantes, movendo-se á passagem da mais leve aragem! E depois, com o rolar dos seculos, o homem deixou de ser troglodita, habitou a collina e cultivou o valle, e a gruta lá ficou para covil de bandidos cujo scenario nos é impressionavelmente descripto numa das primeiras paginas da *Historia de Gil Blas de Santilhana*.

As tradições da Novalheira adjungem-se as do Sarzedo, feracissima veiga, que fica a 2,5 kilometros a sudeste da povoação em caminho de Freixo-de-Espada-á-Cinta. Neste ha uma Quinta pertencente á minha familia onde se vê uma modesta capella da invocação de Nossa Senhora da Alegria, cuja imagem, assim como a de S. Lourenço, são de bella esculptura. É crença antiga ser muito milagrosa esta Senhora, que narram fôra vista, de pé, no meio da corrente do rio Douro num dia de grande cheia e d'onde foi retirada para esta ermida que mandou fazer o padre de Maseuco, Lourenço Sanchez, em 1782, como se vê do auto ou instrumento que tenho presente do seu patrimonio, e com auctorização do Arcebispo de Braga, D. Gaspar. O seu material é de presumir que viesse de outro templo, que dizem que houvera no alto da *Igrejinha*, comprehendido entre o ribeiro Cereijaes, que divide quasi

ao meio a Quinta, e a já referida linha de agua da Relva. Segundo contam, concorriam alli a ouvir missa todos os povos de ao redor, e os seus alicerces ainda não ha muito que desapareceram. É muito de crer que elle existisse e fosse mandado fazer no tempo em que na Quinta houve uma importantissima exploração e fundição de minerio (que recentemente reconheci ser de estanho e descobri a continuação da mina), a avaliar pela enorme quantidade de escoria e escumalho que se encontra em toda a propriedade, chegando a formar, em grande área, uma camada de terra de mais de meio metro de espessura, e na qual durante as remoções tem saído muitos ferros e outros indícios de fornos e forjas.

E na verdade este local pelo pitoresco da sua paisagem, fertilidade do seu solo e amenidade do seu clima, merecia e convidava a que nelle habitasse um Deus, que recebesse os votos e as offertas d'aquelles, a quem era dado gozar tantos beneficios. E quer no cabeço ou na planura, o Altar tinha sempre um tapete de verdura semeado de côres diversas formadas pelas variadissimas flores que esmaltam as margens d'aquelles ribeiros e arroios, que sussurrando, imprimem, em quem os contempla, uma sensação doce e calma.

Outras recordações ainda muito interessantes devemos tambem citar existentes no termo d'este pequeno povoado, e vem a ser que, a quem d'elle olha para poente e a 1:000 metros proximamente, e quasi no mesmo meridiano, correspondem: ao lado esquerdo os poucos signaes do *Castellinho* na margem esquerda da ribeira, tendo em frente, na margem direita, os alicerces de uma pequena casa quadrada dos *mouros* aonde está, dizem, pintado um gato numa fraga a indicar um thesouro; á sua frente o *alto de S. João*, cabeço perfeitamente conico em que havia uma pequena capella da invocação d'este Santo, que possuia muitos bens, que ha alguns annos foram aforados a um particular; e ao lado direito quasi no começo do ribeiro e a baixo da fonte da *Figueira* as ruinas das *antigas casas de Baixo* em que se podem notar, mesmo agora, pedaços de muros de habitações, fragmentos de tijolo, lousa e telha do typo da actual. Este local é o que tem dado mais trabalho aos sonhadores de thesouros, pois chegam até a vir de povoações distantes a cavar e a remover o terreno em procura d'elles. E lá está a fonte, composta ha pouco, com o que se lhe tirou todo o caracter de simplicidade e lendario, que é ponto de partida e de orientação para assignalar o sitio onde está o *grande haver*. Do lado nascente, na encosta, proximo de umas fragas, vêem-se duas galerias de uma importantissima mina de chumbo e prata que ha mais de 60 annos começou a ser explorada.

E são estas as notícias que podemos dar do «aro» de S. João Baptista, que abandonando a sua primitiva morada, lá no alto do cabeço de onde o avistava completamente em todos os sentidos, veio para a igreja, na planura, a conviver com aquelles, que, gratos aos benefícios recebidos, o escolheram para seu orago ou patrono.

Bragança, 1899.

ALBINO PEREIRA LOPO.

Inscrição romana da Pedrulha

Na estação lusitano-romana da Pedrulha, freguesia das Alhadas, concelho da Figueira da Foz, appareceu ha tempos uma inscripção romana, que hoje se conserva no Museu municipal d'aquella cidade¹. O Sr. Dr. Santos Rocha dá-me as seguintes informações a respeito d'ella: «Está gravada na face bruta de um pedaço de lage calcarea, de fôrma quadrangular, medindo no comprimento 0^m,54, na largura 0^m,28 e na espessura 0^m,17. Todos os outros lados do parallelepipedo são grosseiramente trabalhados a martello, e tinham vestigios de haverem estado mettidos em argamassa».

Segundo um decalque que o mesmo illustre archeologo, e meu amigo, me enviou, a inscripção é como se segue:

C A L A I T O
CAIELI·HI·SITO

isto é: *Calaito Caieli hi(c) sito*.

A palavra *Calaito* está evidentemente em dativo; o seu nominativo *Calaitus* é sem dúvida variante de *Calactus*, que vem no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 2968, e de *Chalactus*, que vem *ibidem*, 3298. Á mesma familia pertence tambem *Calactius*; *ibidem*.

A palavra *Caieli* esta em genetivo, para indicar a filiação de *Calaitus*. Como não conheço outra fôrma igual, torna-se-me difficil dizer se temos aqui uma fôrma puramente barbara, *Caielus* ou *Caielius*, ou se temos uma simples variante orthographica do conhecido *nomen* gentilicio *Caelius*. Esta orthographia nada teria estranho: é assim que, por exemplo, na Bibliotheca Nacional de Paris vi uma placa de bronze votiva em que se lê DEAEIO por DEO, exemplo que é um pouco semelhante. O facto de um *nomen gentilicium* valer de nome proprio barbara tambem não é

¹ Cfr. O Arch. Port., v, 122.

único: no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 942, temos, por exemplo, um *Caesius* filho de *Tangino*.

Alguem poderia também lembrar-se que *Caieli* estivesse por *Gaieli* e correspondesse, como genetivo, ao nome *Gaiellus*, que vem no *Corp. Inscr. Lat.*, V, 7679, embora aqui haja dois *II*. Quando não se sabe a verdadeira solução de um problema, podem sempre architectar-se explicações sobre explicações.

Na hypothese que *AI* entre no segundo nome com o mesmo valor com que entra no primeiro, e que por isso *CAIELI* esteja em vez de *CAEELI* = *Caeli* (*Caelii*), — vem a inscripção a significar: «*A Calcto, filho de Celio, aqui sepultado* (se consagra este monumento)».

J. L. DE V.

Extractos archeologicos das «Memorias parochiaes de 1758»

302. São Mathias (Alemtejo)

Castello de Giraldo

«Ha no districto desta Freguezia ou para melhor dizer nos confins da mesma hum castello antigo, e no sitio chamado Monte Muro, junto da herdade chamada a Provença, o qual castello se denomina o castello de Giraldo, e está posto em o cume de hum elevado monte, porem, no tempo prezente apenas se diviza nelle, o que antigamente foi.» (Tomo XXIII, fl. 581).

303. Mato (Beira)

Gresta

Freguesia de S. Miguel. — «Ha outra ermida a que chamão o Crossoficio d'agonia da fradega, que inda agora principia por apparecer no anno de 1750. He hũa jmagem de Christo esculpida em hũ pedratal de pedras de meyo relego o qual pedratal tem de comprido 7 para outo palmos, esta metida em hũ Rochedo de pedras e alto que esta pendente ao Rio Trouse que he arrebatado mas de pouca agoa, e sso no inverno quando a agoa he muita he que vem algũa couza caudeloço, no inverno, algũ peyxe tras que he barbo e trutas, porem, em verão seco apenas leva hũa cal de agoa, passa pello pe do pouo de Louroza que dista desta regidenssia coarto de legoa, e o tal Crossoficio que esta esculpido no tal pedratal e no tal Rochedo deu fe delle hua molher de hũ barbeiro de Mossamedes desta freguesia andando a lenha, por o Redol tudo he Mato, e ella andando a fiar e junto do citio o pe do dito Crossoficio lhe cahio o fuço da mão, e indo a levantalo por

hum boraquinho muito piqueno deo fé do tal Crossoficio que estava clauzurado de pedras muito grandes que parecia era impossivel o serem postas por mão. O dia foy a 11 de Agosto de 1750 pellas tres oras da tarde. Chamou os filhos para verem a jmagem pello tal boraquinho e sse puzerão como pasmados a louvar a dita Imagem, e logo chamavão muita gente que andava por aquelles Campos o pé do Rio a trabalhar e juntamente vierão chamar o parochio que dista da Regidencia o tal outeyrinho cousa de 3 ou 4 tiros de mosquete e sse esta vendo o tal outeyrinho da mesma Regidencia, o abbade e cura foy logo e mais o Cura, e já quando foram acharão muita gente a louvar e admirar e não se via senão por 2 boraquinhos, e lá esteve athé muito dipois do sol posto, e no outro quando foy abbade e Cura já estava o outeyro Cheyo de gente, e como concorria muita gente de varias freguezias do pe e não podião ver todos os que vinhão, neste cazo o Abbade mandou vir pedreyros para arredar algumas pedras e pos mais patente o pedrastal onde esta o Crossoficio e de sorte concorria gente que no primeiro anno sempre nos domingos e dias santos era muita a gente, com suas ofertas de estrigas de linho e algum dinheyro mas de cobres, fezse-lhe hum nicho coberto e com huas grades e por ora se lhe vay fazendo hũa Capelinha, que não pode ter mais que vinte palmos em quadro por não aver aria para mais por estar muito dependorado o outeyro para elle ficar no mesmo citio com hũa pedra grande que o cobre por modo de hũ diamante, que he o como se achou». (Tomo XXIII, fl. 611).

304. Mattos (Alentejo)

Minas de ferro

«Ha nos lemites da ditta Freguezia na Erdade das Ferrarias que hoje he das Relegiozas de Santo Agostinho de Villa Viçosa hũas Minas donde antiguamente tiravão ferro e se conserva ainda hoje os vestigios, e porfundidade donde se tirava o ditto mineral». (Tomo XXIII, fl. 627).

305. Mazouco (Tras-os-Montes)

Castello de Minguianes

«Em o Lemite e destricto deste Lugar o pé do Rio Douro ha hum Castello velho muito antigo, ja de tudo aruinado, o qual se chama o Castello de Minguianes¹, o qual está situado em hum aspero penhasco de hua fraga sobre o rio Douro». (Tomo XXIII, fl. 661).

¹ Domingue Annes.

306. Mentrestido (Entre-Doaro-e-Minho)

Covas da Moura

«Tem esta freguezia no monte chamado dos Parraís o qual divide esta Freguezia da parte do Nascente da Freguezia de San Miguel de Çapardos tres covas estreytas e compridas, mas bem se lhes vê o fim, a que o vulgo chama *Covas da Moura* duas estão algũa couza entupidas prezumese serião algumas Minas de metaes antigamente, hoje somente servem de criar nellas algumas vezes as Rapozas, e todos os annos crião nellas muita quantidade de andorinhas». (Tomo XXIII, fl. 798).

307. Mertola (Alentejo)

Ruínas romanas

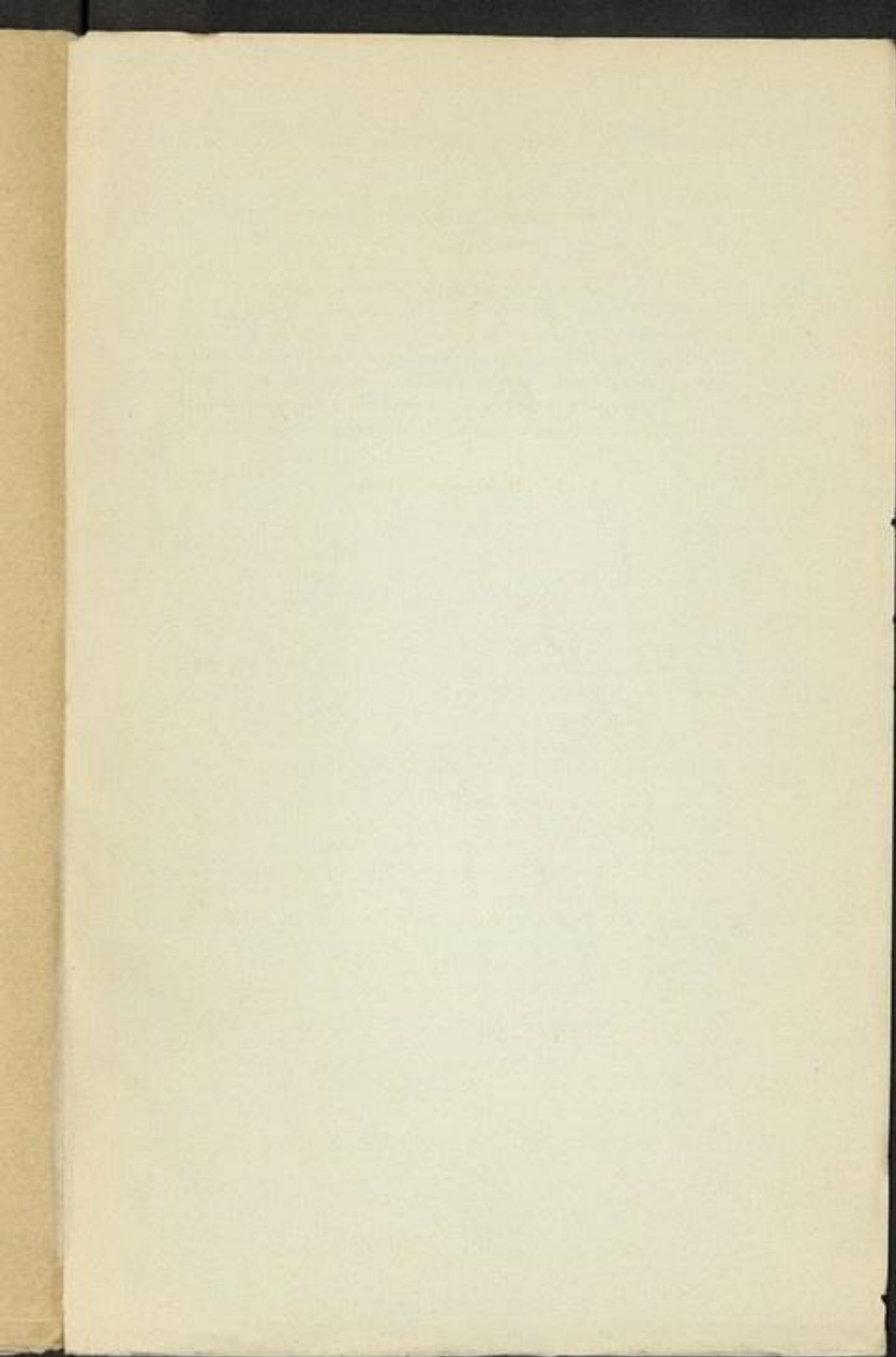
«..... hé fundada pellos de Tiro há 2076 annos na era vulgar; quando Alexandre Magno os violentou a se confederarem na Luzitania e lhe pozeram o nome de—Mirtire—alias—Tiro nova—: e Julio Cezar a fez municipio de Direito Lacio amplificando-a com privilegios dos Romanos grande e affectuozamente de forma que já lhe chamavam—Julia Mirtiles—hoje corrupto o vocabulo—Mertola—; mas seis Estatuas de Pedra marimbre, que há noticia se acháram abrindose alicerces para a Casa da Misericordia desta Villa; mas já a nam ha do seo fim; columnas, tumulos, frizos, e alicerces que ainda se acham, e de que há muitos sinaes, bem mostram sua opulencia e antiguidade mayor: occuparão-a os Mouros.....» (Tomo XXIII, fl. 808).

308. Mesão-Frio (Tras-os-Montes)

Sepulchros

«..... tem mais para demonstrar sua antiguidade (pois foy Cabeça da Comarca Ecclesiastica) ao redor do Adro nove Cayxões de pedra leuantados do cham, que serviram de sepulturas, mas não ha memoria de quem, mas nellas se ve forão de pessoas distinctas porque huns tem em cima da Capa (sic) que os cobre hua como venera de Malta gravada na mesma pedra; outros figurados em hũ lado dous canalles pendenciando hũ com outro; e entre si hũ flor de lis outro com varios labores e outros lizos, mas todos no talhe com que são formados dão a entenderem serem antiquissimos». (Tomo XXIII, fl. 862).

PEDRO A. DE AZEVEDO.



EXPEDIENTE

O Archeologo Português publicar-se-ha mensalmente. Cada número será sempre ou quasi sempre illustrado, e não conterá menos de 16 paginas in-8.º, podendo, quando a affluencia dos assumptos o exigir, conter 32 paginas, sem que por isso o preço augmente.

PREÇO DA ASSIGNATURA

(Pagamento adiantado)

Anno.....	1\$500 réis.
Semestre	750 »
Numero avulso.....	160 »

Estabelecendo este modico preço, julgamos facilitar a propaganda das sciencias archeologicas entre nós.

Toda a correspondencia á cêrca da parte litteraria d'esta revista deverá ser dirigida a **J. Leite de Vasconcellos**, para a *Bibliotheca Nacional de Lisboa*.

Toda a correspondencia respectiva a compras e assignaturas deverá, acompanhada da importancia em carta registada ou em vales de correio, ser dirigida a **J. A. Dias Coelho**, para a *Imprensa Nacional de Lisboa*.

À venda nas principaes livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra.